



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**DISCURSO DE ABERTURA DE SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE, KAY RALA XANANA
GUSMÃO, NA 70ª SESSÃO DA COMISSÃO ECONÓMICA E SOCIAL DAS
NAÇÕES UNIDAS PARA A ÁSIA E O PACÍFICO**

Bangucoque

7 de Agosto de 2014

Sua Excelência Senhor TsheringTobgay, Primeiro-Ministro do Butão

Sua Excelência Senhor Lord Tu'ivakano, Primeiro-Ministro de Tonga

Sua Excelência Senhor Manasvi Srisodapol, Vice-Secretário Permanente, Ministério dos Negócios Estrangeiros da Tailândia

Sua Excelência Senhora Shamshad Akhtar, Secretária-Geral Adjunta das Nações Unidas e Secretária Executiva da ESCAP

Sua Excelência Senhor Shun-ichi Murata, Vice-Secretário Executivo da ESCAP

Sua Excelência Senhor Adnan H Aliani, Secretário da Comissão

Excelências,
Distintos Delegados,
Senhoras e Senhores,

Em Abril do ano passado tive a honra de assumir a Presidência da 69ª sessão da Comissão Económica e Social das Nações Unidas para a Ásia e Pacífico.

Tive assim o privilégio de presidir a esta Comissão durante o último ano e de trabalhar com o secretariado da ESCAP e com os países da região a fim de continuar a avançar rumo ao desenvolvimento sustentável e ao progresso internacional.

É um privilégio poder dirigir-me uma vez mais à sessão anual da Comissão, o maior fórum intergovernamental de diálogo político sobre questões de desenvolvimento na região da Ásia-Pacífico.

A minha experiência como Presidente da Comissão permitiu-me trabalhar convosco na definição de abordagens para os desafios económicos e sociais com que se depara a nossa região.

No ano passado, neste Salão, apelei para que trabalhássemos juntos na elaboração de um roteiro para uma abordagem conjunta de desenvolvimento regional e sub-regional integrado. Aproz-me dizer hoje que desde então fizemos grandes progressos.

Ainda na sua 69ª sessão, a Comissão adoptou 17 resoluções que canalizaram oportunidades a nível regional. As resoluções apoiaram oportunidades de crescimento inclusivo, resolução de lacunas estruturais e de desenvolvimento, erradicação da fome e aumento da resistência a choques internos provocados por desastres naturais e crises financeiras, tendo ajudado a garantir o futuro sustentável que todos nós pretendemos.

Desde então a Comissão tem vindo a fomentar consenso regional, definindo um caminho para uma maior segurança em termos energéticos, sendo que os países membros adoptaram uma agenda arrojada para moldar o futuro da energia sustentável na região.

Adoptámos uma agenda inovadora a respeito de população, desenvolvimento e direitos, reafirmando de forma clara que a igualdade do género e os direitos sexuais e de saúde reprodutiva são indispensáveis para o desenvolvimento sustentável e precisam ser uma parte fundamental do quadro de desenvolvimento pós-2015.

Em Dezembro do ano passado, aqui na ESCAP, os países da Ásia-Pacífico adoptaram por unanimidade uma decisão marcante que delineou um roteiro rumo a uma comunidade económica regional. Juntamente com líderes governamentais, ministros e agentes superiores de 36 países, adoptámos a 'Declaração de Bangucoque sobre Cooperação Económica e Integração Regional na Ásia e no Pacífico,' decidindo trabalhar em conjunto na construção de um mercado integrado, de uma excelente conectividade a nível de transportes e energia, de cooperação financeira e de uma maior resistência a vulnerabilidades e aos riscos de desastres naturais.

Este ano a Comissão tem sido a plataforma para os países da Ásia-Pacífico chegarem a consenso sobre o formato da agenda de desenvolvimento pós-2015. Procurámos ter uma agenda que mantenha a promessa e o empenho de combater a pobreza, a fome e outras formas de privação, ao mesmo tempo que enfrenta os problemas do aumento da desigualdade, da fragilidade e dos conflitos, das alterações climáticas e das pressões ambientais.

Excelências,
Senhoras e Senhores,

Embora esteja satisfeito com os progressos consideráveis que conseguimos através da ESCAP, a nossa região e o globo continuam a enfrentar muitos desafios. O ano passado, quando aceitei a Presidência da 69ª sessão da ESCAP, expressei a minha preocupação com a desunião e a desordem que se manifestam no mundo. Desde então, infelizmente, a situação a nível mundial tem vindo a piorar.

No mês passado todos nós ficámos chocados com o abate do voo MH117 da Malaysian Airlines, provocando assim a morte de tantos inocentes. Em muitos sentidos, a tragédia do voo MH17 reflecte a actual situação das relações internacionais, em que as perspectivas globais continuam a ser infectadas por uma mentalidade de guerra fria. Vemos países a procurar cegamente servir os seus próprios interesses a curto prazo, em vez de trabalharem para o bem comum.

No Médio Oriente as esperanças e as promessas da Primavera Árabe não passam hoje de uma memória idealística que o vento sopra como se fosse areia no deserto. Por toda a região assistimos a um crescendo do fundamentalismo, da intolerância e de uma violência sectária que parece não ter limites.

Assistimos horrorizados às cenas de terror e morte em Israel e em Gaza, esperando em vão por uma paz que teima em não chegar. Acredito que muitos de nós tenham recebido a carta aberta do Presidente da Indonésia, Sua Excelência Susilo Bambang Yudhoyono, sobre este assunto. Permitam-me, senhoras e senhores, citá-lo:

“Apesar de eu ser muçulmano, entendo que este conflito não é um conflito religioso. Não associo os meus pensamentos e súplica ao Islamismo, Judaísmo, Catolicismo, Cristianismo ou a qualquer outra fé ou crença religiosa. Os problemas que estamos a enfrentar estão relacionados com questões de humanidade, moralidade, lei, e ética de guerra, assim como acções de qualquer um dos lados que já foram muito mais além daquilo que é aceitável. Esta tragédia humanitária, esta insustentável miséria humana, são também atribuídas ao senso de responsabilidade por parte dos líderes, que directamente ou indirectamente fizeram desta tragédia humana um problema que se arrasta.”

No leste asiático, o motor da economia global, sentimos desânimo ao ver aumentar as tensões entre países que são nossos amigos próximos, quando todos nós sabemos que há, ou deveria haver, uma maneira melhor... para construir um entendimento colectivo para uma cooperação mais recíproca e partilha de benefícios.

No globo mundial, segundo as Nações Unidas, ainda existem 2.2 biliões de pessoas que enfrentam ou estão próximas de enfrentar a pobreza, a fome, a doença e a exclusão. Mesmo com o impressionante crescimento da Ásia-Pacífico, a nossa região ainda alberga cerca de dois terços da pobreza mundial.

No mundo inteiro estamos a permitir um aumento perigoso da desigualdade, com a riqueza e o poder a serem acumulados por uns poucos, em detrimento do resto da humanidade. Após a ganância e a corrupção que causaram a Crise Financeira Global, vemos agora como os perpetradores do colapso financeiro se tornam os únicos beneficiários da recuperação. E assim, os interesses das elites, com os seus enormes recursos financeiros, conseguem evitar pagar a sua parte dos impostos e continuam a capturar e a dominar governos. Convém lembrar que o problema não é apenas com a desigualdade dentro das nações, mas também com a desigualdade entre nações, assistindo-se a uma segregação económica cada vez mais entrincheirada dos Países Menos Desenvolvidos. E, mesmo assim, os líderes mundiais apenas estão focados no escalar de tensões e no apoio a guerras.

Nos dias de hoje, todos aqueles que seguem as notícias ouvem as pessoas a falar acerca de acabar com a guerra. Acredito que devíamos começar a alterar a nossa mentalidade para, em vez de falarmos da guerra, iniciarmos todos uma campanha pela paz. Em vez de dizermos “eu sou contra a guerra” devíamos dizer “eu sou pela paz”, porque esta, a paz, é mais do que o fim da guerra, ou a ausência de guerra; a paz significa em ambientes políticos, paz para o desenvolvimento inclusivo, e paz para as relações entre as sociedades e as nações.

E ainda na semana passada, no meio desta crise humanitária provocada pela guerra em tantos sítios, no Fórum das Ilhas do Pacífico realizado em Palau, a ameaça das alterações climáticas voltou a dominar a agenda. A fraca resposta global às ameaças climáticas ameaça a própria existência de algumas nações que se vêem em risco de ser engolidas pelas ondas crescentes do Oceano Pacífico.

Excelências,
Senhoras e Senhores,

Embora o cenário internacional se tenha deteriorado no último ano, há também razões para termos esperança no futuro.

Além do bom trabalho realizado por esta Comissão, assistimos também a grandes progressos na nossa própria região.

Na Índia e na Indonésia vimos a segunda e a terceira maiores democracias do mundo realizar eleições bem-sucedidas. A Indonésia é o vizinho mais próximo de Timor-Leste e beneficiou durante os últimos dez anos da liderança inspirada de Sua Excelência Susilo Bambang Yudhoyono, estando a construir uma democracia moderna de unidade e progresso. Vamos agora assistir a mais uma transição pacífica para o Presidente Joko Widodo, a quem desejamos o maior sucesso em prol da sua grande nação. Acreditamos

que os líderes políticos irão colocar os interesses dos povos primeiro, para criar um clima de unidade e tolerância como um princípio orientador para o desenvolvimento.

Estamos todos em Bangucoque onde a instabilidade levou a mudanças políticas. Em nome do povo de Timor-Leste, e acredito que também em nome de todos os membros da ESCAP, e sabendo que já há um roteiro apresentado pelo Conselho Nacional de Paz e Ordem para garantir que a transição para o processo democrático possa prosseguir com o envolvimento de todas as componentes da sociedade, posso dizer que entendemos que com todos os processos sociais, económicos e políticos, cada país atravessa sempre grandes desafios. O que é importante é que todos façam uma introspecção em ordem de servir os interesses do Estado, do país e de toda a população. No fim, desejamos o melhor para o povo tailandês.

A China continua a espantar-nos a todos enquanto retira da pobreza centenas de milhões de pessoas, impulsiona o crescimento económico regional e global e conduz reformas abrangentes a nível de governação. Graças à China vemos outras economias na Ásia-Pacífico com taxas de crescimento notáveis, melhorando a qualidade de vida de um grande número de cidadãos da nossa região.

Também o progresso tecnológico continua a fomentar mudanças positivas e a ligar-nos a todos de formas que eram impensáveis num passado recente.

Senhoras e Senhores,

Para dar resposta aos desafios da nossa região e para concretizar as nossas oportunidades é preciso que continuemos a trabalhar com dedicação e empenho. A ESCAP dá-nos um fórum onde todos podemos forjar uma parceria comum com vista ao progresso.

No próximo mês a Assembleia Geral das Nações Unidas irá considerar as propostas de Objectivos de Desenvolvimento Sustentável e a próxima agenda de desenvolvimento global.

Timor-Leste tem vindo a trabalhar com afinco através do g7+, um grupo de 20 nações frágeis e afectadas por conflitos, de modo a garantir que esta agenda reflecte as necessidades dos estados frágeis e que reconhece que sem paz não é possível existir desenvolvimento.

Apraz-nos constatar que um dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável propostos é “Promover sociedades pacíficas e inclusivas para um desenvolvimento sustentável, fornecer acesso à justiça para todos e criar instituições efectivas, responsáveis e inclusivas a todos os níveis”.

Precisamos trabalhar em conjunto para garantir que as deliberações em Nova Iorque, no próximo mês, resultem no estabelecimento de um quadro global que garanta desenvolvimento sustentado e inclusivo para todos. A ESCAP terá aqui um papel fundamental, visto ser a plataforma intergovernamental mais inclusiva na Ásia e no Pacífico.

Excelências,
Senhoras e Senhores,

Apesar dos desafios globais, continuo confiante em relação ao nosso futuro colectivo. Reconhecendo os nossos interesses partilhados e a importância da tolerância, da

cooperação e da paz, podemos desenvolver acções a nível regional e internacional para criar sociedades sólidas, justas e vibrantes.

A Comissão pode realizar análises e estudos políticos relativamente a questões críticas e emergentes e levá-las à atenção dos Estados membros para discussão e decisão.

A Comissão pode então criar capacidades a respeito dessas questões em Estados membros, por meio de cooperação técnica a nível regional e da criação de parcerias com outros parceiros de desenvolvimento dentro e fora do sistema das Nações Unidas.

Renovo o meu apelo para que trabalhemos juntos no sentido de definir o caminho para o desenvolvimento sustentável da nossa região. Espero ver esta questão reflectida nos resultados da 70ª Sessão da ESCAP, e aproveito desde já para vos desejar todo o sucesso nas vossas deliberações. Junto-me ao Primeiro-Ministro do Butão que será um óptimo presidente desta sessão.

Por fim, gostaria de prestar a minha homenagem à Dra. Noeleen Heyzer pelo seu trabalho árduo e dedicação à ESCAP. A Dra. Heizer é agora a Conselheira Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas para Timor-Leste, contribuindo com os seus sempre muito úteis pareceres nesta nossa tarefa de fortalecer o Estado e melhorar a prestação dos nossos serviços, assim como na redução de pobreza e desigualdade entre as áreas rurais e urbanas. Muito obrigado Noeleen.

À nova Secretária Executiva da ESCAP e Secretária-Geral Adjunta das Nações Unidas, Sra. Shamshad Akhtar, faço votos de sucesso para o seu trabalho. Hoje apresentou uma visão bastante compreensiva e uma descrição inspiradora sobre os importantes assuntos que temos que abordar em conjunto.

Obrigado.

Kay Rala Xanana Gusmão
7 de Agosto de 2014